



JUVENTUDES UNIVERSITÁRIAS E PROCESSOS FORMATIVOS: uma leitura a partir das culturas juvenis dos cursos de Geografia

Julia Crovador Carvalhaes ¹
julia.c.carvalhaes@unesp.br

Resumo A formação de professores/as Geografia é complexa e demanda o desafio de analisar e compreender não apenas as dinâmicas curriculares e acadêmicas, mas os novos contextos de formação estudantil do século XXI, marcado pelos desdobramentos do neoliberalismo e pela instabilidade socioeconômica que recai sobre as juventudes brasileiras. Nesse sentido, o texto baseia-se em uma pesquisa de Mestrado que busca compreender os processos de formação de professores/as de Geografia em três campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP): Presidente Prudente, Ourinhos e Rio Claro. O objetivo é estabelecer uma reflexão acerca da associação entre juventudes universitárias e o processo inicial de formação de professores de Geografia, tendo como fundamento os estudos sobre a dimensão espacial das culturas juvenis e considerando que os processos formativos estão entrelaçados com as diferentes formas de viver a juventude. Desse modo, o texto será dividido em três partes a fim de apresentar o raciocínio da pesquisa, a metodologia empregada na elaboração do trabalho e o modo como os estudos sobre juventude podem agregar aos trabalhos sobre Ensino de Geografia em diferentes níveis educacionais. Em síntese, o texto finaliza reiterando que a Universidade e as culturas juvenis permeiam os processos formativos e a constituição de novos/as profissionais da Educação.

Palavras-chave: Jovens Universitários, Formação de Professores, Ensino de Geografia.

Introdução

O texto a seguir origina-se a partir de um projeto de mestrado que objetiva compreender e comparar os diferentes processos de formação de professores/as de Geografia a partir da sociabilidade juvenil universitária dos estudantes nos três campus da Universidade Estadual Paulista (Unesp): Presidente Prudente, Rio Claro e Ourinhos. No campo educacional e geográfico, existe uma certa compreensão de que o alvo da Educação Geográfica deveria ser fornecer aos estudantes aportes- teóricos, metodológicos e linguísticos- que pudessem promover uma análise crítica do mundo em que vivem e do papel que desempenham enquanto sujeitos sociais. (Callai, Cavalcanti, Castellar, 2007). Ou seja, a Geografia escolar deveria ser uma das ferramentas centrais na formação cidadã e crítica dos estudantes, proporcionando-lhes o desenvolvimento de um vocabulário próprio e de um raciocínio espacial capazes de situá-los diante dos fenômenos sociais. A literatura é consistente ao afirmar a importância de aproximar os conteúdos teóricos da realidade dos discentes no contexto escolar e das possibilidades de atuação docente dentro e fora de sala de aula. Cavalcanti (2013, p. 84) complementa ao afirmar que “de tal modo, pelo ensino de Geografia pode-se desenvolver a capacidade dos alunos de

¹ Mestranda em Geografia- Faculdade de Ciência e Tecnologia/FCT-UNESP. Professora da Educação Básica da Rede Estadual de São Paulo. Agradecimentos à Capes pelo fomento e investimento na pesquisa.



observar, imaginar e descrever paisagens, buscando ajudá-los com elementos teóricos da Geografia a compreenderem a espacialidade – a forma-conteúdo – expressa nessa paisagem”. Logo, o intuito dessa habilidade é ultrapassar a atribuição empirista e objetiva que normalmente realizamos sobre o cotidiano, como se este fosse um conjunto de meros elementos dispostos pelo mundo de modo a enfatizar a sensibilidade e participação ativa dos jovens na construção de suas espacialidades.

Em consonância, Callai (2011) assegura que existem dois componentes centrais que devem ser considerados na produção e na construção da Geografia escolar: o primeiro refere-se ao próprio conteúdo científico da Geografia e seus respectivos conceitos, categorias de análises, metodologias e vocabulários e o segundo trata-se do contexto escolar em que o currículo será executado. Tal contexto é marcado pelas políticas públicas que orientam a formação de profissionais, os conteúdos específicos de cada etapa e pela comunidade escolar envolvida no processo de ensino e aprendizagem. Assim, o alicerce da Geografia escolar é o conhecimento científico produzido no âmbito universitário, no entanto, ela deve considerar as demandas do meio em que está inserida e do seu público-alvo: jovens escolares.

Com base nisso, justifica-se a importância de os/as docentes conhecerem quem são seus estudantes, quais suas práticas socioespaciais cotidianas, os saberes originados nas suas redes de sociabilidade, de modo que os estudos sobre as temáticas juvenis estejam presentes e conectados com o trabalho pedagógico realizado no cotidiano escolar. Assim, a investigação destas temáticas amplia as visões sobre os questionamentos que rodeiam a aprendizagem escolar e complexificam o debate sobre as relações educacionais, especialmente em uma sociedade marcada por diferentes desigualdades sociais, econômicas e raciais e de gênero como a brasileira. Portanto, os objetivos do Ensino de Geografia não são os conteúdos por si só, como se eles tivessem uma finalidade em si mesma, até porque “a disciplina deve ser encarada pelo professor como um meio e não como um fim de seu trabalho” (Sacramento, 2010. p.3-4).

Diante disso, a formação dos professores/as também não se restringe ao domínio dos elementos teóricos e metodológicos de sua ciência e dos componentes pedagógicos. É preciso ir além e investigar o contexto social e histórico em que essa formação ocorre, compreendo que tornar-se professor/a faz parte de um processo amplo, complexo e multifacetado que varia conforme diferenças espaço-temporais. Nenhum fenômeno social é a-espacial, pois não existe espaço sem sujeitos e sujeitos sem espaço, uma vez que é pela mediação do trabalho que a sociedade produz o espaço (Cassab, 2019). Logo, esse percurso formativo não acontece



deslocado da dimensão espacial e do modo como estes sujeitos participam da produção material e imaterial do corpo social.

Além disso, os/as estudantes de Geografia, em geral, vivenciam essa formação durante suas juventudes, as quais são entremeadas por diferentes fundamentos tais como: gênero, raça, classe, sexualidade, religião, família, local de moradia, entre outros. Neste sentido, as encaramos as juventudes como uma construção histórica e social que muda conforme diferentes tempos e espaços, isto é, não a consideramos apenas como uma etapa biológica idêntica a todos os sujeitos e que apenas transita entre a infância e a idade adulta. Pelo contrário, o processo de tornar-se adulto está muito mais relacionado a uma continuidade do ciclo da vida do que a uma ruptura, visto que em todos os momentos haverá mudanças, contradições e desafios. Sendo assim, abordamos as juventudes como um feixe de relações em que os sujeitos vivenciam o espaço público de maneira mais intensa, mas situados diante das posições de poder que ocupam socialmente e que estabelecem em diferentes tempos e espaços (Cassab, 2019).

Por isso, não basta olhar para formação de professores apenas sob o viés político institucional das diretrizes que orientam as matrizes curriculares dos cursos de graduação ou sob a análise dos estágios e das disciplinas. O que propomos com a pesquisa e com este texto é elucidar a compreensão da indissociabilidade entre sujeitos sociais e a formação de profissionais em Geografia, considerando que o modo como essa formação acontece é influenciada também pelas intersecções com as diferentes experiências de juventude desses/as estudantes no contexto universitário.

Metodologia

Antes de aprofundarmos sobre a metodologia empregada nos estudos juvenis, é preciso reiterar que os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste texto partem, exclusivamente, de uma revisão bibliográfica, que concentrou-se na busca de leituras, estudos e informações sobre o tema de pesquisa, mas sem estabelecer critérios rigorosos e explícitos. Como a pesquisa ainda está em fase inicial e de apreciação pelo comitê de Ética da Unesp, não foi possível realizar os trabalhos de campo e outras estratégias qualitativas para acessar o público alvo do projeto: estudantes de Geografia dos três campus mencionados. Desse modo, optou-se por selecionar artigos, capítulos de livros, monografias, dissertações, teses e demais informações que agregassem a temática e concentrassem-se nos tópicos sobre: Ensino de Geografia, Formação de Professores, Culturas Juvenis e Jovens no Ensino Superior.



O propósito foi reunir fundamentos teóricos-metodológicos que pudessem auxiliar na articulação dos objetivos mencionados e na argumentação sobre a potência que existe no estudo das juventudes universitárias para as discussões sobre a formação de professores e os saberes docentes. Logo, a metodologia usada não tem pretensão de esgotar o debate, mas sim apresentar e evidenciar as aproximações possíveis e necessárias entre o campo da Geografia das Juventudes, ainda em construção no Brasil, e do Ensino de Geografia com foco na formação docente.

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, a metodologia utilizada será qualitativa e quantitativa, embora a primeira tenha maior destaque no processo de produção dos dados visto que, por se tratar de uma pesquisa com a juventude universitária, é necessário acessar os sujeitos alvo do projeto. A postura metodológica adotada é que não existe pesquisador/a neutro e que os resultados do estudo dizem muito dos limites e possibilidades encontrados durante a interação entre pesquisadores e sujeitos, ou seja, são produzidos ao longo do processo de pesquisa (Turra Neto, 2012). Nesse sentido, a partir de questionários, realização de entrevistas semi-estruturadas e grupos focais com estudantes - permeados pelo processo de observação participante- serão executados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Durante todo o processo será realizado uma busca por referências, dados e informações que sustentem a temática dentro do campo pedagógico, geográfico e sociocultural que compõe a tecitura central da pesquisa e que possam evidenciar quantitativa e qualitativamente as diferentes realidades da formação de professores/as de Geografia nas três cidades.

Resultados e Discussões

A produção da vida material existe também a partir de uma dimensão simbólica-cultural mediada pela consciência e pelos gestos, línguas, comunicações, festividades, artes, paisagens (Côrrea, 2009). Consequentemente, a formação dos/as estudantes de Geografia também acontece nos encontros e desencontros da vida universitária, na convivência com outros/as jovens, nos momentos de intervalo, nas festas universitárias, nos caminhos que percorrem até chegarem ao campus, nas atividades extracurriculares. Toda a atmosfera que reside dentro e fora do campus interage com os/as sujeitos/as sociais e contribui para que a identidade de ser professor/a seja construída para além dos conteúdos acadêmicos. Justamente por isso, Hall (1999) defende que o melhor não é falar em uma identificação sólida e imóvel, mas sim em



identificações que são construídas em um processo social de interações internas e externas que impactam nas trajetórias e percursos de vida de cada sujeito.

A construção dessa identidade docente também será distinta para cada jovem, de modo que esse jogo de movimentações internas e externas está alicerçado em diversos fenômenos e estruturas sociais. O local de formação, infraestrutura acadêmica, as disciplinas ofertadas, a orientação e execução dos projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação, a posição do campus universitário em relação ao sítio urbano, o perfil dos estudantes e a possibilidade de viverem, em maior ou menor grau, as suas juventudes e tudo o que a cultura universitária pode proporcionar são elementos fundantes da constituição material e imaterial desses/as futuros/as profissionais.

Para exemplificar como essa imbricação é complexa e não exata, Silva (2021, 2023) estudou a cultura universitária dos estudantes de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP) em Presidente Prudente e comparou com o Campus Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPTL-UFMS). Para o autor, a formação e a vivência dos estudantes universitários não se reduzem ao conteúdo específico das disciplinas e nem apenas ao ambiente acadêmico, pois a experiência de juventude desses sujeitos e sua experiência de cidade se dá, de maneira integrada, em maior ou menor grau, com a experiência de universidade, afinal esta é uma das dimensões de suas vidas (Silva, 2023). Desse modo, essas realidades coexistem e se interrelacionam e, por isso, devem ser analisadas em sua indissociabilidade.

Em consonância, Pires (2013) argumenta em razão da valorização das experiências dos/as graduandas no e com o lugar de estudo para ampliar a formação desses profissionais e, assim, oferecer uma base teórica e empírica sólida capaz de lidar com as demandas escolares. A autora destaca vários elementos que contribuem para essa análise multifatorial e considera fundamental colocar a juventude no palco desta discussão, uma vez que “para a Geografia, o que interessa desse jovem é a sua vivência e experiência no e com o lugar, bem como a forma como ele vê e se relaciona com o mundo” (Pires, 2013, p. 69).

O que estes estudos nos afirmam é que se quisermos entendermos e encontrar soluções para os dilemas cotidianos da sala de aula, do chão da escola, é preciso dar um passo atrás e estudarmos outras dinâmicas que não são restritas ao campo pedagógico. Afinal, nossa hipótese é justamente essa: nem todo problema que acontece na sala de aula começa nela ou se refere à escola. Se a educação é um processo formativo constante e não restrito aos espaços formais, as



soluções para os seus problemas e questões também não podem ser restringidos às eles. Logo, isso implica por pensar a formação de professores em uma espiral que envolve diferentes sujeitos/as em distintas escalas- temporais, espaciais, institucionais- e associadas às desigualdades da sociedade brasileira.

Por conseguinte, não trata-se do estudo das juventudes por si mesmas, mas sim como um locus de análise para apreensão de outras dinâmicas e fenômenos sociais e, neste caso, relativos à formação dos profissionais em Geografia da educação básica. Além disso, abordar a juventude pelas suas práticas socioespaciais cotidianas, pela sua capacidade de mobilização e agrupamento, pelo sentido que dão aos locais em que ocupam nas cidades é uma maneira de inverter a lógica funcionalista que, historicamente, enfatizou os jovens pelos seus erros ou “desvios sociais, destacando-os como não adultos, como delinquentes, como sujeitos que fugiam aos padrões sociais e que ainda não atingiram seu ápice produtivo (Abramo, 1994).

A proposta baseia-se na compreensão de Turra Neto (2015) de definir a juventude não como uma etapa transitória reduzida aos aspectos biológicos, mas sim como um conjunto de experiências, de convivência, sociabilidade, uma partilha de trajetórias e encontros que demarcam também diferenças e desigualdades pré-existentes no corpo social e nos percursos de vida de cada sujeito. O autor defende que essa definição é um ato político, ao qual possibilita pensarmos a trajetórias desses sujeitos pelo o que são no presente, mas sem desconsiderar a dimensão futura. Logo, o estudo das culturas juvenis universitárias nos permite contemplar tanto a dimensão da sociabilidade quanto a transitoriedade em relação ao mercado de trabalho e a formação desses/as futuros/as profissionais.

A cultura juvenil pode ser definida como a cultura praticada por grupos juvenis com espacialidades e temporalidades próprias, dos quais os imperativos do mundo adulto não têm destaque, em momentos e locais em que os/as jovens estariam entre si em uma relação que não possui um propósito pré-estabelecido (Pais, 1993). Neste caso, mesmo no ambiente universitário, as interações não são homogêneas e a sociabilidade juvenil atravessa os tempos e espaços institucionais. Essas relações acontecem durante os momentos de intervalos, nas atividades dentro e fora do campus, na roda de amigos/as que se reúne para estudar ou se divertir. Por isso, a cultura universitária vai além da cultura juvenil, pois ela se constitui no seio do ambiente acadêmico e confronta os tempos e espaços originalmente destinados aos estudos e ao trabalho acadêmico. Sendo assim, Silva e Turra Neto (2025) afirmam que, ainda a sociabilidade juvenil no tempo livre seja uma das facetas da cultura juvenil universitária,



existem outras dimensões igualmente importantes que precisam ser consideradas, porque a cultura juvenil universitária não é somente uma cultura juvenil de tempo livre, mas sim uma cultura que se faz no jogo, no diálogo e no conflito entre tempo livre e do tempo vivido nas atividades didáticas e nos projetos e movimentos nos quais os/as jovens se engajam.

Um dos meios para identificar e analisar esse fenômeno é investigar qual o perfil dos estudantes que chegam aos cursos, compreendendo suas origens geográficas, racial, de gênero, idade, as suas as motivações, as possibilidades que têm em vivenciarem o ambiente acadêmico para além da sala de aula, participando de grupos e projetos de pesquisa, ligas estudantis, projetos de extensão, atléticas, baterias, movimento estudantis e sociais, entre outros. A partir de uma análise multifatorial é possível entendermos como as experiências universitárias estão relacionadas com as condições juvenis dos estudantes, com o espaço urbano em que cada campus está inserido e as rugosidades, diferenças e especificidades nos e dos lugares em que os cursos acontecem que tornam algumas de suas características particulares e peculiares (Fiori, 2013).

O próprio número de cursos disponíveis em cada campus torna-se um fator relevante para pensarmos em como as culturas juvenis se formam dentro e gravitam ao redor deles. Em Presidente Prudente são ofertados 12 cursos nas três áreas do conhecimento (Humanas, Exatas e Biológicas), em Rio Claro dez, com foco maior nas áreas de Ciências da Natureza, Exatas e Ciências da Terra como Geologia e Ecologia e em Ourinhos existe somente o curso de Geografia. Com este cenário, podemos afirmar que a formação de futuros/as professores/as será diferente em cada local, pois conforme Silva (2021) é necessário pensar a Universidade para além de seu espaço físico e concebê-la também como o local do encontro, da conexão com as diferenças, das tensões e embates entre a sua funcionalidade institucional e os sentidos simbólicos que ela passa a adquirir para os/as estudantes a partir de suas vivências juvenis universitárias.

Assim, da mesma forma que as vivências universitárias não serão igualitárias em locais tão diferentes, os processos formativos e seus desdobramentos também não serão. Estas repercussões revelam-se em uma tensão dialética entre o que é produzido e ensinado na Universidade e o que se espera de um/a professor/a da educação básica execute (Callai, 2010). Nesse contexto, o que percebemos é uma distância entre a formação acadêmica e os desafios reais da sala de aula em que os/as docentes não lidam apenas com a transposição de conteúdo, mas precisam se adaptar a um ambiente completamente diferente com suas particularidades



próprias. Por isso, Pires (2013, p. 67) levanta o questionamento “a formação de professores de Geografia tem atendidos às demandas da Geografia escolar?”

Não há uma resposta única para a pergunta, porém um dos elementos que podem auxiliar nesse caminho é também questionar se, durante a graduação, os conteúdos acadêmicos se conectam com a realidade juvenil e universitária. Afinal, como exigir essa atuação na prática escolar se não existe bagagem prévia na formação profissional que a sustente? Como reivindicar que os/as profissionais reconheçam as condições juvenis de seus estudantes se este reconhecimento não foi realizado, primeiramente, em suas trajetórias pessoais e acadêmicas? Esse reconhecimento deve existir tanto a nível universitário, escolar quanto na experiência dos próprios jovens enquanto sujeitos sociais. Baseamos este argumento em Paulo Freire (1987), o qual assegura que uma educação problematizadora, reflexiva e comprometida com a libertação dos homens não desconsidera os saberes da experiência, uma vez ela implica num constante ato de desvelamento da realidade. Ela parte da consciência que os sujeitos já possuem sobre o mundo para aí então problematizá-lo e orientar suas ações, em uma busca pela emergência das consciências que resultam do contato e da interação crítica com a realidade. Logo, conhecer culturas universitárias é um dos caminhos propostos para diminuir a distância entre o que se ensina e o que se aprende, tanto na academia quanto na escola.

A saber, Silva (2021) constatou que a cultura universitária da FCT é diferente da do campus de Três Lagoas, pois na primeira os estudantes tinham mais disponibilidade de tempo, por não trabalharem, para ingressarem em atividades extracurriculares, o que aguçava o caráter político de sua formação. Isso também estava presente na CPTL-UFMS, mas de maneira mais tímida e acanhada. Tal comparação nos mostra a importância de considerarmos os campos de possibilidades que existem para que os/as estudantes possam tanto desfrutar de suas condições juvenis quanto se dedicarem aos seus estudos profissionais. Conforme Villas e Nonato (2014, p. 19)

O campo de possibilidades contradiz a ideia de que a conquista dos projetos de futuro depende somente do esforço pessoal ou da vontade própria do indivíduo, pois nos faz perceber em que “limites” sociais, culturais e políticos os jovens se movem na construção do seu presente e futuro.

Em diálogo, Holdsworth (2009, p. 1852, tradução própria²) afirma que “para esta perspectiva, diferentes experiências de permanência ou mobilidade estudantil refletem não apenas diferentes acessos a recursos, mas estratégias de mobilidade que podem reforçar as



desigualdades nas experiências e resultados educacionais”. Ou seja, o estudo das juventudes universitárias é um ponto inicial para aprofundar os conhecimentos sobre as dinâmicas relativas às características da fase atual do capitalismo neoliberal, às transformações sociais pelas quais passa a educação básica e superior. (Silva, 2020) assinala que essas mudanças referem-se ao surgimento das políticas neoliberais e a consolidação de uma lógica de financeirização da vida e, conseqüentemente, das relações interpessoais. Portanto, diante dessa situação de crise e enfraquecimento dos dispositivos institucionais, em muito demarcadas pelas práticas consumistas, os indivíduos veem-se em uma espécie de perpétua carência, um estado quase que constante de incompletude (Silva, 2020).

Nesse sentido, as dimensões públicas e privadas da vida encontram-se divididas por uma linha tênue, em que é difícil dizer onde está o início e o fim de cada uma delas. Em consonância, os papéis atribuídos à educação formal, tanto básica quanto superior, estão sendo cada vez mais questionados. Há uma descrença social e coletiva nos aparatos institucionais como capazes de formar cidadãos que respondam às novas demandas sociais e fomentem o mercado de trabalho com tecnologia e criatividade. Esse cenário atua para desmobilização e desvalorização da carreira docente, de modo que a educação passa a não ser mais vista como um elo central na de modo que a educação passa a não ser mais vista como um elo central na busca e desejo por ascensão social e econômica. No bojo dessas transformações, os cursos de licenciatura têm sofrido com a baixa procura e interesse ao longo dos últimos anos. Conforme o Censo da Educação Superior de 2023 realizado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), estes cursos, comparados com cursos de bacharelado e tecnólogo, registram os menores números de matrículas e ingressos por grau acadêmico desde de 2013. Em números absolutos houve um aumento, pois as vagas em Instituições de Ensino Superior aumentaram, porém ainda são os cursos menos procurados. Logo, Telles (2006) afirma que as juventudes estão entre os grupos mais prejudicados neste novo cenário pois as estruturas que sustentavam o mundo simbólico e material de antes já estão reviradas. Segundo ela (2006, p. 176)

Para os mais jovens, as circunstâncias atuais do mercado de trabalho não significam uma degradação de condições melhores ou mais promissoras em outros tempos. Eles entraram num mundo já revirado, em que o trabalho precário e o desemprego já compõem um estado de coisas com o qual têm que lidar, e estruturam o solo de uma experiência em tudo diferente da geração anterior.



Em vista disso, Pires (2013) reforça que os/as estudantes de licenciatura possuem particularidades, pois muitas vezes esta escolha foi feita por falta de opções. São os/as jovens de hoje que serão os/as professores/as do futuro e, portanto, os saberes e bagagens que carregam consigo também são frutos das experiências atuais moldadas pelos campos de possibilidade que esculpem suas condições juvenis, associadas com as estruturas sociais vigentes que garantem acessos-ou não- aos direitos básicos como saúde, educação, cultura, lazer, entre outros.

Tendo isso posto, o estudo das culturas juvenis universitárias é uma lente que nos proporciona analisar as diferentes faces da formação desses/as docentes, já que as vivências juvenis cotidianas podem nos lançar lampejos a respeito das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que estruturam o mundo e a sociedade que vivemos. Além disso, ao tomar como base as espacialidades juvenis reiteramos o princípio geográfico de que todo fenômeno possui uma dimensão espacial, uma localização, uma delimitação e, portanto, a formação inicial de professores/as de Geografia também deve ser refletida a partir das diferentes localidades e espacialidades em que ocorre.

Considerações Finais

O texto teve como foco central discutir a formação de professores/as de Geografia com base na articulação entre as culturas juvenis universitárias e os saberes docentes que são construídos a partir dos campos de possibilidade dos/as estudantes. Elencamos o número de cursos ofertados, o perfil estudantil e a realidade de cada campus como elementos que podem nos revelar os limites e as possibilidades dos/as estudantes engajarem-se mais ou menos em outras atividades universitárias. Logo, em conformidade com Fiori (2013), afirmamos que a diversidade dos tempos e espaços em que os cursos acontecem é um dos desafios postos para a formação desses/as profissionais, porque “onde” esses processos formativos acontecem interfere e importa no modo como esses fenômenos ocorrerão.

A potencialidade do estudo reside no fato de que esses/as futuros/as professores/as da educação básica começam a sua formação, em geral, vivenciando suas condições juvenis e, portanto, não são apenas os/as jovens da escola que experienciam essa condição, mas também os/as docentes. Há um ponto de contato entre esses dois públicos e, ainda que com as diferenças, consideramos os estudos sobre juventudes importantes para investigarmos os dilemas da escola, da Universidade e dos rumos que a educação brasileira tem seguido. Em resumo, ao analisar as



práticas de sociabilidade dos/as jovens e os espaços que eles tomam lugar, abre-se a possibilidade para entendermos o modo como elas contribuem para a trama de diferentes maneiras de ser jovem universitário, as quais são constituídas também a partir dos contextos das políticas públicas de educação superior no país e que nos revelam as desigualdades no acesso e permanências das juventudes neste nível de ensino (Freitas, Braga, 2013).

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. W. Anotações Finais. In: Cenas Juvenis: Punks e Darks No Espetáculo Urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP. Censo da Educação Superior: Notas Estatísticas, 2023.

CALLAI, H. C; CAVALCANTI, L. S; CASTELLAR, S. M. V. Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil. Terra Livre., v. 1, n. jan/jun 2007., p. 91-108, 2007.

CASSAB, C. "**Cidade estranha, sabes que existo?**": o jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: (org). FERNANDES, M.L.B; LOPES, J. J. M; TEBET, G. G. C. Geografia dos jovens, das crianças e das famílias: temas, fronteiras e conexões. Ed. Universidade de Brasília. 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e Práticas Espaciais Urbanas Cotidianas*. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.

CÔRREA, R. L. Sobre a Geografia Cultural. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.

FIORI, Vivian. As condições dos cursos de licenciatura em Geografia no Brasil: uma análise territorial e de situação. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FREIRE, P. A concepção bancária da educação como instrumento de opressão. In . A pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987. p. 37-49.

FREITAS, I. C. M; BRAGA, J.R.M. Os universitários viajantes. O público e o privado Janeiro/Junho – 2013, p. 91-110.

HALL, S. A identidade Cultural na pós-modernidade. Traduzido por Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes. 3.ed. Rio de Janeiro, 1999. p. 7-47.

HOLDSWORTH, C. 'Going away to uni': mobility, modernity, and independence of English higher education students. Environment and Planning. England. 2009, volume 41, p. 1849 – 1886.



PAIS, J. M. Culturas Juvenis. Lisboa- Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PIRES, L. M. Culturas Geográficas de Alunos-Jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia. Tese (Doutorado em Geografia.) Universidade Federal de Goiás, 2013, p. 1-276.

SACRAMENTO, A. C.R. Didática e Educação Geográfica: algumas notas. Rev. Uni Pluri versidad. Vol.10 No.3, 2010. p. 1-9

SILVA, J. P. T. Cultura universitária e experiência de juventude de estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia da Fct/Unesp - Presidente Prudente. Monografia de Bcharelado em geografia. Universidade Estadual Paulista. 2021

SILVA, J. P. T. Experiências de Juventudes dos Estudantes de Geografia da FCT/UNESP e do CPTL-UFMS. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2023.

SILVA, J. P. T.; TURRA NETO, N. A cultura juvenil e cultura juvenil universitária entre estudantes de geografia da FCT/Unesp. Revista Formação (Online), v. 32, e025002, 2025.

SILVA, R. R. D. Saberes curriculares e práticas de formação de professores para o ensino médio: problematizações contemporâneas. Educ. Pesquis., São Paulo, v. 46. 2020. p. 1-17

TELLES, V. S. Mutações do trabalho e experiência urbana. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, p. 173-95.

TURRA NETO, N. Definir Juventude como Ato Político: Na confluência entre orientações de Tempo, Idade e Espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M.(org.). A cidade e seus jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p 119-136.

TURRA NETO, N. Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. Terra Plural, Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 241-255, jul/dez. 2012.

VIIILAS, S; NONATO, S. Juventudes e projetos de Futuro. In: CORREA, L.M; ALVES, Z; MAIA, C.L (org.). Cadernos Temáticos: juventudes brasileiras e Ensino Médio. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014. p.7-45.